

Antologia de Alexandre Carlini



Apresentado por

Meu Lado Poético 

resumo

Entre Céu e Terra

Lua de Sangue

Ah... não é \"Nada\"

ORAÇÃO

INSTAGRAM vs 70'

PEDRAS

Vem

Déjà vu

Aquarela

Baile de Máscaras

MEMÓRIA

Estação

O SINO

Espectro

PAZ

NÃO VI, MAS A...

CHUVA CINZA

Entre Céu e Terra

Queria saber se um dia, minha Gaia,
Amastes teu Urano de verdade
Lembrar do sol antes da tempestade
Queria ter visto, da serpe, a tocaia

Hoje lembro do coração talhado
Do aroma do veneno e da morte
Golpe súbito que me sangrou forte
Hoje sinto a lâmina do penado

Verte o sangue e deixa a alma nua
Enquanto escapa pela ferida crua
Ensopa a grama antes que desvaneça

Antes que meu coração enegreça
Revela-me pulcra Gaia sombria
Se um dia teve Eros por teu guia

Lua de Sangue

Vestido negro de seda brilhante
Cravejado, acaricia Nix deia
A Tétis sacra, que geme e arroteia
Ao desfecho no horizonte ululante

Dividem a Selene carmesim
Seu abraço, orna a noite orgulhosa
A vaga, o seu, esconde animosa
Ciente que a inveja é do amor o fim

De encontro a lua vai lenta a barca
D'onde num piscar de olhos sobrei
Se caí? Empurraram-me? Ou saltei?!

Foi na água morna, posto pela Parca
Que me encontrei, mas me perdi antes
No abraço intenso das amantes

Ah... não é "Nada"

**Quando teus lábios, da frígida morte
Recebem o doce e intricado beijo
Finda a roleta russa de tua sorte
"Nada" segue após o fremito aleijo**

**Precedido por sonho... e pesadelo
Na última evolução do mundo
No último instante quiçá entende-lo
No último caro e profundo segundo**

**Olhas a ampulheta e questiona
Onde esteves enquanto nesta areia
Raso à revelia... o tempo escorria**

**Assim que a ilusão seu véu desnuda
Sabes que não plantou uma só muda
Num mundo em inelutável destona**

ORAÇÃO

Faz-me suave como uma brisa
Para atravessar a densa floresta
Da mente fraca, torpe e funesta
Do homem pequeno que a alma grisa

Faz-me um vento célere, suave
Para envelopar em uma dança
O punho cerrado que a mim se lança
Com ignorância e medo mais grave

Faz-me suave, tranquila monção
Para, mesmo que só num coração,
Brotar o amor, da alegria a chave

Faz-me entender que cada instante
Da vida é seu próprio diamante
Faz-me como uma brisa suave

Alexandre H C Mendes

INSTAGRAM vs 70'

Hoje encontrei um exótico fantasma
De outra vizinhança... de outro mundo
Falamos por palavra digitada
Feitiço de um teclado vagabundo

Atrás da teia binária um rosto
A frente face incerta, caricata
Caixa de pandora lacrada arrosto
Como um carro que só se vê a lata

Em meio ao mistério que se cria
A revelação de que me seguia
"...Como assim?!", e nunca dei notícia?!

Corro à janela, pela fresta espiando
Deus! e se estiver me observando
Arrumo o cabelo ou chamo a polícia...

Alexandre H C Mendes

PEDRAS

Vinha vindo caminhando
No mesmo caminho andando
Despreocupando articulando
Divagando sobre as pedras
Espalhadas pelo caminho
E a mesma pessoa que me olha
Com o mesmo olhar...
Tento cumprimentar...
Mas só me encarava
Enquanto eu não olhava
Como a pedra que tropecei
Que em minha frente só estava
Porque eu não olhei.

Vem

Vem dançar feliz, partir os grilhões
Perde o medo de arriscar... ser feliz
Coração bate sempre aprendiz
O passo afinado em acordeões

O que viveu torna tua bagagem
Bota no lugar certo...se de frente
Lhe corta... perde a visão do horizonte
É teu pendão carrega com coragem!

Também combustível de fogo altivo
É a cicatriz que marca teu braço
A todos aviso e desembaraço

Se entrega a paralisia, ao luto
Um defunto por ser irresoluto
Ou vem... canta aos céus que está vivo!

Déjà vu

Por um arrepiar onde caminha
Sente ter passado por esta vinha
Pela cor do aroma inebriante
Teu coração anzolado num instante

No toque do perfume que desdobra
Numa miragem que o ser toca e cobra
Á compulsão da queda ao proibido,
Que é escondido mas nunca esquecido

Condena a traçar o mesmo caminho
Que finda no imenso precipício
Não há fuga do cruel auspício

Conheces de cor a cor do caminho
Segue tropeçando na mesma pedra
Na Via Ápia daquele que não medra

Aquarela

Começa a vida como tela em branco
Um livro nu sem palavra
Uma seara sem lavra
Um motor sem um tranco

Nascemos como uma vontade
Escrevemos e pintamos
O que vivemos e sonhamos
Furtos d'aquarela da eternidade

Tão poucos e tão preciosos
Nossos dias são finitos
A alma quer mares infinitos
Onde banhar seus dedos ciosos

Enquanto tudo causa assombro
Deslinda fluida nossa jornada
Crescente a excitação arrebatada
Por tudo a frente e atrás do ombro

Andamos sós... até que sem querer
Nossa pintura encaixa noutra
Nossa escrita rima com outra
E olhares se cruzam e vão se perceber

Tua escrita completa quem sou
E termina minha estória...
... E começa nossa estória
Quando, sincero, teu olhar me iluminou

Baile de Máscaras

No baile que é o mundo inteiro
Desfilam fantasia e hospedeiro
Qual miragens em sonhos agitados
Entre visões e sons...vazios...ritmados

Ecos em rima, barroca poesia
A música em cadência e simetria
Impecáveis cores, precisa dança
Barrado o arbítrio nesta balança

Atrás de cada máscara uma sombra
Que contorce, presa à alegoria
Da farsa que conduz a sinfonia

Vive um drama quem a dança se entrega
Uma tragédia quem contra refrega
Uma comédia quem não se assombra

MEMÓRIA

A fúria da onda que troveja,
Flutissonante, que molda o estado
Na costa que esculpe a vareja
Presente que no futuro é passado

Como o que ao "eu", o tempo trágico
Apaga o que se sonhou ou viveu
Cria, a memória, ciclope ilógico
Da areia do real e bruma de Orfeu

Dessas quimeras baças que lembramos
Hoje vivas verdades, que juramos
O que por vezes não aconteceu

Se o vivo na memória é o construto
Se o resto, levou o mar astuto
Que importa se realmente sucedeu

Alexandre H C Mendes

Estação

No entroncamento onde os destinos se cruzam
Na sala de espera de aspecto régio
O silêncio depõe o tirano relógio
O ponteiro retrai, ideais fertilizam

Um homem sonhando o porvir numa prece
Um velho sorrindo evanescentes lembranças
Focada no hoje com firmes esperanças
Só a criança que a escadaria sobe e desce

E já vem o trem com seu apito soprano
Devolvendo a coroa férrea ao tirano
O ideal retrai, o ponteiro acelera

Visões, passado e futuro, mesmo o presente
Silenciam quedos num recanto da mente
Corre, diz o relógio, que o trem não espera!

O SINO

Ah o sino... nada mais resta então
Posto com displicência descartada
Flutuando lassa a última corda
Quebra o transe desfeita a ilusão

Arrastado sigo pela corrente
Findaram margens onde me agarrar
Abandonei pares a quem culpar
Só o torpor crescente na fria corrente

É quando morre a seva esperança
Desatados pesos da culpa e dor
Soem linhas dum sorriso moribundo

Na agra determinada temperança
Da corrente inexorável o andor
Conduz ao negro pélago sem fundo

Espectro

**Com seu abraço gelado
Jura com desenvoltura
E com fiada ternura
Aquilo que não sente**

**Só mente e pretende.
Seu caráter uma falha
Para justificar ser canalha
Faz um palco barato**

**Farsante e ingrato
Sem os contos que conta
Tudo em nada desmonta
Seu fim só, no escuro gelado**

PAZ

Para de fugir de mim célere tempo
Que de todos é o bem mais precioso
Corredor elusivo e impiedoso
Nascido da Pandora no destampo

Pra fazer congelar esta corrente
Preciso da âncora do teu sorriso
Da música de teu gosto preciso
Sentir colada tua boca quente

Sentir entre os ventos de cada dia
Estrondo de toda estabilidade
Da vida por um encontro incauto

Por vez os outros são brisa vadia
As vezes furiosa tempestade
Em outras paz... dum furacão arauto

NÃO VI, MAS A...

Felicidade passou ao meu lado
Me achou distraído no do tolo, o ouro
Nas douradas palhas do queimadouro
Entre paixões baças enfumaçado

Toque fantasma, olor que o ar perfumou
Quando virei não estava mais lá
Foi-se, escapou por uma janela
Deixando uma palavra que engasgou,

Como seria... tivesse eu virado
Como seria... tivesse eu atendido
Quisera tivesse nem percebido

Meu coração parou incendiado
Na multidão me senti só, perdido
A alma doida de um vazio infindo

Alexandre H C Mendes

CHUVA CINZA

A chuva cinza de novembro açoita
Lava o rosto... leva pela calçada
Junta minhas lágrimas na enxurrada
Desmascarando a tristeza afoita

Do amor supresso... ou só não vivido?
É como sentir um membro fantasma
Como um infeliz aleijo que pasma
Tentando coçar o nariz perdido

O sentimento não vivido amputa
Uma parte da alma que desliga
Pra uma falsa segurança conseguir

Para o coração que não mais computa
Entre placas de siga e de não siga
Entre escolhas e o medo de seguir

Alexandre H C Mendes